



PEDRO POMAR

Em memória de um comunista

Valter Pomar¹

Pedro Pomar foi assassinado no dia 16 de dezembro de 1976, quando agentes do Destacamento de Operações de Informações do Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) do II Exército e da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS) atacaram a casa onde ele estava, em São Paulo, no bairro da Lapa, ao término de uma reunião do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil (PCdoB).

Ao seu lado tombou Ângelo Arroyo, igualmente fuzilado. Pouco antes, no DOI-CODI, na Rua Tutóia, já havia morrido João Batista Franco Drummond, que estava sendo torturado. Foram capturados e aprisionados Haroldo Lima, Aldo Arantes, Joaquim Celso de Lima, Elza Monnerat e Wladimir Pomar. Escaparam da prisão José Gomes Novaes e Jover Telles.

Foi através de Jover que a repressão localizou a casa, prendeu e assassinou grande parte do Comitê Central. Havia suspeitas de que Jover estava em contato com a repressão. Mesmo assim ele foi avisado da reunião, para irritação de Pedro Pomar, que soube do fato consumado.

Porque Jover foi avisado da reunião? Ao que tudo indica, porque ele reforçaria as posições de um setor do Comitê Central, contra outro, naquele momento liderado por Pedro Pomar. A presença de Jover na reunião, entretanto, não impediu que a maioria do Comitê Central (CC) do PCdoB adotasse, acerca da Guerrilha do Araguaia, a posição autocrítica proposta por Pomar. Quem “virou o jogo” na luta interna não foi Jover, mas a repressão.

1. Este texto foi escrito por Valter Pomar. Contribuíram de diversas formas Wladimir Pomar e Pedro Estevam da Rocha Pomar, sem que isto os torne responsáveis pela versão final.

A queda da Lapa transformou a minoria em maioria. O setor do CC liderado por João Amazonas recuperou o controle da direção partidária. Fez isto de diversas formas: desqualificando as posições adotadas por Pedro Pomar, que vieram à luz anos depois, por meio do jornal *Movimento*; atacando os integrantes da reunião, sob acusações infamantes; e, posteriormente, expulsando os integrantes do CC que mantinham as posições defendidas por Pomar.

Anos se passaram até que se constatou que Jover estava vivo e que havia sido o responsável. Mas a principal testemunha do ocorrido – Sergio Miranda — morreu sem que tenha revelado toda a verdade sobre o episódio.

A queda da Lapa ocorrera num momento de transição. Por motivos que Carlos Eduardo Carvalho já detalhou ao prefaciar o livro *Massacre da Lapa*, era muito comum (hoje menos) lermos ou ouvirmos que os últimos mortos pela Ditadura Militar haviam sido Manoel Fiel Filho e Herzog. Em seguida vinha Santo Dias. A chacina da Lapa ficava num estranho limbo.

Esforços foram feitos para resgatar a memória dos que tombaram ali. A verdade sobre a morte de João Batista Franco Drummond, a localização dos despojos de Arroyo e de Pomar, o traslado e enterro de seus restos mortais são parte destes esforços, assim como os livros publicados a respeito, alguns dos quais citamos a seguir.

Já nos anos 1980, tivemos *Pedro Pomar*, editado pela Brasil Debates. Depois veio *Massacre na Lapa: como o Exército liquidou o Comitê Central do PCdoB* - São Paulo, 1976 (1ª ed. Busca Vida, 1987; 2ª ed. Scritta, 1996; 3ª ed. Fundação Perseu Abramo, 2006), livro dedicado às circunstâncias da queda, escrito por Pedro Estevam da Rocha Pomar, neto de Pedro.

Em 2003 foi publicada a biografia *Pedro Pomar, uma vida em vermelho* (editora Xamã). Uma segunda edição, em formato eletrônico, será lançada até setembro de 2013 pela editora da Fundação Perseu Abramo. Escrito por Wladimir Pomar, *Uma vida em vermelho* foi possível graças aos recursos provenientes da indenização paga pelo Estado. Vale informar que parte desta indenização foi reivindicada judicialmente, como se fora uma “herança”, por outros filhos de Pedro.

Neste ano de 2013, ao completar 100 anos do nascimento e 37 de seu assassinato, é publicada mais uma biografia de Pedro Pomar, agora sob patrocínio oficial do PCdoB.

O PCdoB tem o direito e o dever de honrar a memória de Pedro Pomar. Naturalmente, o faz de seu jeito, com as ênfases e as omissões

indispensáveis e inevitáveis, assim como os anacronismos, às vezes impensados, de atribuir a Pedro “se vivo fosse” esta ou aquela posição.

Não fazemos ideia do que Pedro Pomar pensaria do tempo em que estamos vivendo. Pessoas de sua geração e de características similares seguiram caminhos tão diferentes, que se pode especular à vontade. O que podemos dizer com alguma segurança é o que ele fez, o que ele escreveu, o que ele ajudou a construir enquanto esteve vivo.

Por fim, gostaria de salientar três aspectos.

O primeiro tem relação com a família. Talvez por conta do papel dos familiares na luta contra a Ditadura Militar e pela Anistia, talvez pela força que a noção de família tem no inconsciente coletivo, talvez por conhecerem alguns e desconhecerem outros, ou talvez por causa de algumas “famílias” atuantes hoje em dia, é comum encontrar militantes que imaginam que exista uma “família Pomar”, politicamente falando.

O pai de Pedro era um pintor peruano, que mais tarde seria conhecido como ativo militante do APRA, partido liderado por Haya de la Torre. De passagem por Óbidos (Pará), casou-se com a filha de um militar local, e com ela teve três filhos, dos quais Pedro foi o mais velho. Seu irmão Eduardo (Edward Mary) morreu ainda criança. O outro irmão, Roman, morreu adulto, mas sem filhos.

Os pais de Pedro separaram-se cedo. A mãe não voltou a casar, o pai casou outra vez, mas que saibamos não teve outros filhos, exceto um adotivo.

Um detalhe curioso: o pai de Pedro chamava-se Felipe Cossio del Pomar. Pomar era o sobrenome materno. Mas como o registro de Pedro fora feito por seu avô materno, de origem portuguesa, num cartório brasileiro, tomou-se o nome da mãe pelo nome do pai. E assim surgiu Pedro Pomar, onde normalmente teríamos Pedro Cossio.

Pedro teve relações esparsas com seu pai; sabe-se que voltaram a ver-se pessoalmente em 1948, no México, quando Pomar lá esteve para participar do Congresso Mundial pela Paz.

Pedro casou-se com Catharina e tiveram quatro filhos: Wladimir, Eduardo, Joran e Carlos.

Wladimir tornou-se militante comunista ainda no velho PCB, participou da cisão que deu origem ao PCdoB, fez parte do seu CC e, posteriormente, integrou a direção nacional do Partido dos Trabalhadores (PT), partido em que segue militando. Viveu na clandestinidade, foi preso por duas vezes (em 1964 e em 1976) e torturado, como de praxe. Casado desde 1956 com Rachel, Wladimir teve três filhos, tendo onze netos e dois bisnetos.

Eduardo militou na juventude comunista, foi à então Tchecoslováquia completar sua formação técnica, casou-se com uma jovem natural daquele país e voltou ao Brasil. Quando ocorreu o golpe de 1964, sua esposa grávida embarcou para a Tchecoslováquia. Anos depois, ela contaria que Eduardo prometera juntar-se a ela. Como isso não aconteceu, ela viveu durante anos convencida de que ele havia morrido. Mas isto não ocorreria: ele manteve seu nome verdadeiro durante toda a Ditadura Militar, chegando a alto executivo de uma importante empresa. Casou-se novamente, é pai de dois filhos e avô. Desde 1964, nunca mais teve militância política. Apenas nos anos 1980, por iniciativa de um amigo comum, manteve contato com sua filha checa.

Joran e Carlos continuaram vivendo com Pedro e Catharina depois do golpe. Ambos assumiram outras identidades, casaram-se e tiveram filhos (e netos, no caso de Joran). Carlos, o mais novo, tornou-se um pequeno empresário. Morou vários anos em Maceió (AL) e depois radicou-se no Triângulo Mineiro, onde faleceu tragicamente num acidente de avião em dezembro de 2012, aos 62 anos. Já Joran, ou melhor Jonas, desenvolveu ativa militância política, primeiro no PMDB e posteriormente no PSDB, partido pelo qual chegou a ser candidato a deputado. Há muitos anos chegou à condição de alto funcionário de governos tucanos em São Paulo.

Como se pode ver, não existe uma “família Pomar”, politicamente falando. Wladimir foi o único que manteve militância ativa na esquerda, o mesmo valendo para seus filhos e para alguns de seus netos. Confirmando que as brincadeiras sobre “política no sangue”, “genética” e “herança” são, ao menos em parte, influência inconsciente da cultura política oligárquica, que mistura o público e o privado.

O segundo aspecto a ressaltar tem relação com a contribuição política e teórica de Pedro. O papel de Pedro Pomar no movimento comunista brasileiro parece ter sido maior do que lhe é atribuído pela historiografia. Certamente pesa nisto o fato de ele ter sido um intelectual de poucos livros e ter se dedicado principalmente a tarefas organizativas. Mas é possível que o principal motivo seja outro: ele era demasiado disciplinado, mais do que o aceitável para receber o mesmo destaque que a historiografia posterior concedeu, algumas vezes anacronicamente, a tantos “comunistas críticos”; e, ao mesmo tempo, Pedro era intelectual e politicamente diferenciado, mais do que o aceitável para manter suas posições no aparato partidário comunista de então.

O terceiro e último aspecto é que Pedro foi comunista. Claro que lutou pela igualdade, pela liberdade, pela democracia, pela justiça social,

pela paz e tantas outras coisas. Mas durante a maior parte da sua vida, lutou por isto *porque* era comunista.

É impressionante como tantas mortes e tantas lutas depois, haja quem sinta necessidade de “pedir licença” para afirmar coisa tão óbvia. Como se fosse necessário todo o demais para “desculpar”, para “compensar” seu comunismo.

O fenômeno é conhecido e atinge pessoas com muito mais importância: Hobsbawm era um ótimo historiador, apesar de comunista... Saramago era um ótimo escritor, apesar... Niemeyer era um ótimo arquiteto, apesar... Num plano muito mais modesto, vale a mesma coisa para o revolucionário profissional Pedro Pomar, um comunista.

Para concluir, transcrevo a íntegra do pronunciamento feito por Wladimir Pomar no ato de traslado (São Paulo-Belém) dos restos mortais de Pedro Pomar. O ato foi realizado na sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), em São Paulo, no dia 11 de abril de 1980.

“Pronunciamento de Wladimir Pomar”

- 1) Todos sabem que meu pai era um homem de partido. 40 anos de sua vida dedicou ao PCdoB por estar convencido que assim servia à classe operária e ao povo. E é na mesma condição que desejo salientar esse aspecto fundamental da vida de meu pai, que desejo ressaltar o homem de partido.
- 2) Há quem pense que ser homem de partido é agarrar-se a dogmas, é considerar o partido como algo perfeito e acabado, imune a erros. Há quem pense que uma crítica a um homem de partido é uma crítica ao partido. E há quem considere uma crítica ao partido como um ataque. Pomar não era esse tipo de homem de partido. Era um intransigente defensor do partido como uma necessidade histórica, como um instrumento que a classe operária necessita para dirigi-la no processo revolucionário. Mas entendia que o partido era composto de homens, um organismo vivo composto por pessoas vivas. Portanto, um organismo com defeitos que só podem ser superados por meio da luta contra os próprios defeitos, por meio da crítica. Por isso estava sempre pronto a reconhecer os erros. Não via nisso nenhum desmerecimento. Ao contrário. Considerava que seu partido só poderia ser encarado seriamente se tivesse a coragem de reconhecer e superar os próprios erros. Por isso, encarava o verdadeiro homem de partido, modesto, sem vaidade, que compreendia a autocrítica como um princípio indispensável para que seu partido cumprisse o que se propunha.

- 3) Há quem pense que meu pai sempre esteve no topo do partido. Não é verdade. Meu pai ousou divergir numa época em que divergir era considerado o pior dos crimes. E divergiu contra o pêndulo, contra a política sem critério de classe, que ora fazia o partido ir a reboque da burguesia, ora cair no radicalismo pseudo-esquerdista. Nessa luta meu pai jamais esmoreceu, até seu último alento, apesar de em largos períodos ter sido quase relegado ao ostracismo. Jamais abandonou seu posto de luta pela transformação de seu partido num verdadeiro partido de vanguarda do proletariado, para que prevalecesse uma política verdadeiramente de classe, proletária.
- 4) Há quem diga que Pomar foi um batalhador pela unidade do partido. É verdade. Ele considerava essa unidade a base para alcançar a unidade das forças revolucionárias. A unidade pela qual ele sempre pugnou era uma unidade em torno de princípios ideológicos e políticos de classe, em torno dos interesses fundamentais da classe à qual ele aderiu, a classe operária. Por isso sempre se colocou contra os que, falando em unidade, aplicavam uma política sectária e sem princípios. Essa unidade não era a unidade de princípios de seu partido.
- 5) Há quem diga que Pomar foi um intransigente lutador contra o liquidacionismo. É verdade. Sua vida foi uma luta constante contra a liquidação do espírito de partido. Por isso sua luta não se restringiu a ir contra os liquidacionistas declarados, contra aqueles que diziam abertamente não haver necessidade de partido, que o partido atrapalhava. Não, sua luta foi muito além. Ele estava convencido da existência de um liquidacionismo muito mais perigoso, muito mais destrutivo. Um liquidacionismo prático que se realiza através de políticas incorretas, sejam reformistas e revisionistas, sejam aventureiras e blanquistas. Políticas que isolam o partido das massas e que acabam permitindo a liquidação de grande número de revolucionários, que acabam permitindo que o inimigo de classe destrua praticamente toda uma geração de antigos combatentes revolucionários. Esse liquidacionismo prático destruiu fisicamente meu pai, mas não conseguiu destruir suas concepções sobre a construção de um partido proletário verdadeiramente revolucionário. E estou certo que um dia tais concepções acabarão prevalecendo.
- 6) Há quem tenha dito que Pomar era um pacifista burguês. É uma calúnia. Era tão intransigente com o pacifismo burguês dos reformistas e revisionistas, quanto com o aventureirismo blanquista

dos voluntaristas. Jamais apoiava um lado para combater o outro. Tinha uma posição de classe definida. Revolução e luta armada são obras das massas em luta, e não obra de grupos, por mais generosas que sejam as intenções. E por considerar a generosidade revolucionária dos que tomaram na luta contra o regime é que meu pai podia, ao mesmo tempo, criticar o voluntarismo e exaltar o heroísmo, a dedicação e o desprendimento dos que pagaram seu tributo de sangue para que a classe operária e o povo brasileiros aprendam o caminho correto de sua libertação.

Em nenhum momento Pomar vacilou ante a necessidade que a classe operária tem de utilizar a violência revolucionária para emancipar-se. Jamais deixaremos que essa calúnia seja difundida impunemente.

- 7) Há, finalmente, quem diga que Pomar deixou uma herança. É verdade. Ele nos deixou o exemplo de sua vida, um legado de modéstia, de retidão de caráter, de dedicação à classe operária, ao povo e a seu partido, de amor entranhado à verdade, de aversão à vaidade e de constante alerta e combate aos próprios erros. Há quem queira ser dono desse legado. Essa pretensão é uma afronta a meu pai, que sempre se bateu contra o exclusivismo e o espírito de seita. A herança de Pomar, uma herança digna dos melhores revolucionários, não é patrimônio da família ou de qualquer grupo. Ela pertence a todo o seu partido, pertence a todos os revolucionários, à classe operária e ao povo explorado e oprimido. Eu a entrego a vós.